

AM BRAGA

# FÓTON

O GRANDE MAESTRO



# FÓTON

O GRANDE MAESTRO



AM BRAGA

# FÓTON

O GRANDE MAESTRO



Copyright© 2019 por AM Braga  
www.ambraga.com.br

TÍTULO  
FÓTON: O Grande Maestro

REVISÃO  
Vanessa Farias

DIAGRAMAÇÃO  
AM Braga

CAPA  
AM Braga

1.<sup>a</sup> edição:  
Rio de Janeiro, Julho de 2019

Este livro nasceu da minha certeza de que ele existia  
com o meu desespero de não encontrá-lo,  
e assim ele foi escrito.

É com imenso prazer que lhe apresento FÓTON —  
uma ficção sobre a vida real.

*“AM Braga*

Rio de Janeiro, Julho de 2019.









# Prólogo

MATOS CAÍA DE COSTAS no vazio. Não via nada. Sentia-se como se estivesse atravessando um *buraco de minhoca*. Um clarão ofuscante — provavelmente o *flash* de um relâmpago no instante em que a aura desse mundo era fotografada. Outro clarão rasgou o vazio acima dele deixando as marcas de uma incógnita alva que se abriu. E o que era preto ficou branco.

*Oh, Deus, morri?!*, indagou-se, estarrecido.

Com seu corpo físico deitado na cama, Matos abriu os olhos, mas não viu nada. Fechou-os, e tudo o que via era um branco quase ofuscante. Abriu, escureceu. Fechou, clareou. Olhos abertos — preto. Olhos fechados — branco!

*O que é isso?!*

Inspirou mais profundamente, e sentiu o ar gelado passando pelas vias aéreas. Como quem ves-

te uma luva mecânica lentamente e tenta testá-la, moveu os dedos... Tentou mover os pés, girar os tornozelos..., e também os sentiu reagirem. Suavemente, ergueu o tronco e sentou-se sobre a cama. Depois, tateando, sentou-se à mesa que havia ao lado da cama e ligou o computador.

Agora, com os olhos abertos ele via a tela branca de um processador de texto; no entanto, quando os fechava, o outro branco que via parecia estar prestes a ganhar cores, brilhos, imagens..., vida.

Tateando o teclado, fascinado na força viva dos próprios pensamentos, Matos posicionou e moveu os dedos até a quarta linha, o mindinho esquerdo na segunda coluna — estava sobre a letra “A”, sabia. Afastou os indicadores deixando duas teclas entre eles — estavam sobre as letras “F” e “J”, sabia. A partir daí, dominava os caracteres do teclado como um músico domina as notas do seu instrumento, no claro, nas cores..., deixando apenas os olhos da alma enxergar.

E, tal qual uma pessoa se prende frente à emoção materializada em uma obra-prima, calculada na intencionalidade da razão, mas gravada na pureza dos sentimentos absorvidos e irradiados pelo coração, Matos continuou observando atentamente as imagens que se formavam diante dos seus olhos fechados..., e abertos.

Era como se ele estivesse pairando no ar, numa altitude elevada, olhando para frente. Via o sol no horizonte incendiando as nuvens esparsas que levitavam na borda do céu, embelezando o firmamento com um incrível degradê de cores vivas.

Não sabia se era alvorada ou crepúsculo vespertino, mas a brisa que incidia em suas costas seguindo adiante lhe fez pensar nas horas do dia descendo no horizonte como

uma imensa cachoeira silenciosa.

Passando-se algum tempo, Matos olhou para baixo e viu o topo de uma árvore. Desceu em direção às suas folhas e, à medida que passava por entre os galhos, a criança que ele tanto procurava foi aparecendo...



1,

O RELÓGIO sobre a mesa já marcava 19h10. A data mostrada no painel digital dizia que o tempo não era o presente, tampouco o passado, mas um futuro provável.

Sentado à mesa, Vossa Excelência — o presidente da república federativa do Brasil —, olhos castanhos, cabelos acinzentados, ostentando na face os sinais do desgaste adquirido precocemente na luta contra o tempo, observava o pavilhão nacional com sua caneta na mão.

Sobre a mesa, quatro pastas, quatro documentos, quatro projetos prontos para serem assinados.

*Será que o Brasil já está pronto para assumir sua missão?*, indagou-se, mirando os documentos à sua frente.

De que o Brasil fora conduzido ao longo desses cinco séculos para ocupar uma posição específica e delicada no cenário internacional, ele não tinha dú-

vidas; mas será que o tempo havia chegado? Eh..., ele não podia ter tanta certeza. No entanto, era capaz de sentir o peso da responsabilidade reservada à nação que governava.

No meio da parede à sua frente, o Cristo no madeiro de cima olhava... Vossa Excelência deu um longo suspiro, girou sobre a cadeira e olhou em volta, de um para outro lado. As paredes estavam repletas de obras de arte de diversas culturas. Levantou-se e pôs-se a observá-las.

Depois de dar a volta na sala, aproximou-se de um globo que havia sobre um tripé ao lado da mesa. E permaneceu por algum tempo mirando o globo, os olhos focados, a respiração lenta, rasa, quase imperceptível, sentindo uma forte atração que o fazia olhar o globo sem lhe dar chance de se indagar sobre o porquê de agir assim.

Então o globo, inesperadamente, começou a girar sob o *scanner* dos seus olhos que foram varrendo as Américas, Oceano Atlântico, África, Europa — começou a sentir-se constrangido por algo inquietante que foi crescendo dentro dele —, Oriente Médio — o desconforto aumentou —, China... E então o globo parou.

*Será que é essa poeira sobre a superfície?*, indagou-se, puxando o ar lentamente, tentando entender a causa do mal-estar. Aproximou-se então do globo e o soprou. A poeira se foi. Mas o incômodo que sentia continuou crescendo, crescendo, parecia uma corda enrolada no estômago com um nó na garganta sendo puxada nas duas extremidades.

*O que está acontecendo?!*

E foi quando uma voz falou alto dentro dele:

— O globo não gira para o oeste. O sol precisa nascer no leste!

Imediatamente ele se deu conta de que o globo havia girado no sentido contrário em relação ao giro da terra, provavelmente para lhe dizer algo. *Mas o que exatamente?* Num espasmo, Vossa Excelência ergueu a cabeça, seus olhos pregaram no Cristo...

Matos abriu os olhos suavemente, sereno, mas sentia-se como uma panela de pressão aquecida, prestes a empurrar a válvula num estalo e começar a chiar. Puxou o ar lentamente, tentando se manter em silêncio acerca do sonho que estava tendo, evitando assim que seu coração disparasse, e permaneceu imóvel sobre a cama canalizando sua atenção à dormência que sentia no corpo.

Ainda era noite. A porta da varanda estava entreaberta, a cortina ondulava na brisa, permitindo a luz do sol tabelada na lua oscilar dentro do quarto; e uma deliciosa harmonia de ondas se espumando na areia preenchia o ambiente com suavidade e perfume salinizado.

Matos quase não sentia o corpo de tão relaxado, e, agora, desperto sobre a cama, mas dividido entre as duas realidades, ele não sabia ao certo em qual estava vivendo, tampouco em qual deveria acreditar.

*O Cristo, o globo, aquela caneta, os documentos... Que sonho é esse?*

E não demorou muito para o telefone tocar, mas tocar alto, e contorcê-lo sobre a cama.

— Alô? — ele disse, antes mesmo de o telefone chegar ao ouvido, o coração pulsando nas têmporas.

— Bom dia, Senhor Matos! — Era uma voz de mulher.



— Sim...

— Serviço de *acordômetro*. Informo que seu transporte sairá em trinta... trinta e quatro minutos, para ser mais precisa.

— Pra quê?

— Para levá-lo ao heliporto.

— Heliporto?

— Sim, heliporto.

— Ah..., claro.

— Tenha um bom dia.

— Obrigado.

*Heliporto...*, pensou, conscientizando-se de que não estava naquele quarto de hotel a passeio, mas a caminho do trabalho — uma plataforma semissubmersível de perfuração oceânica em águas ultra profundas o aguardava dezenas de milhas mar adentro.

## 2,

HELIDECK GUARNECIDO e liberado. Aeronave na final. Uma hora e vinte e quatro minutos após a decolagem do aeroporto de Macaé, Rio de Janeiro, os pneus do helicóptero S92 BM-A pairavam alguns metros acima da plataforma de pouso que se movia subindo e descendo, inclinando para frente e para trás, de um para outro lado, nos movimentos de *heave*, *pitch* e *roll* da embarcação, enquanto o piloto fazia os ajustes finais na velocidade de aproximação, de modo

a pousar no momento certo, evitando impactos e danos na estrutura do *helideck* e da aeronave.

Na plataforma, os membros da equipe de perfuração movimentavam-se com destreza e agilidade. Manutenções preventivas e reparos ocorriam como de costume. O Sistema de Posicionamento Dinâmico, com sua incrível precisão, controlando os oito propulsores azimutais de 3,5m de diâmetro, capazes de gerar cerca de 55 toneladas de força de empuxo cada, a 724 RPM — o suficiente para contrabalancear a resultante das forças externas em condições adversas de tempo e mantê-la na posição, acima da cabeça de um poço de petróleo a mais de dois mil metros de profundidade.

Uma vez conectados ao poço, deixar a plataforma se mover perdendo a posição mais adequada acima do poço, certamente seria um grande desastre. E era exatamente isso que os ventos, as ondas e as correntes marinhas tentavam fazer a todo instante.

— Fiquem calmos, Kalman está conosco! — dizia Matos aos Oficiais de Posicionamento Dinâmico novatos que chegavam por lá.

Referia-se ao filtro de Kalman, uma equação matemática inserida no sistema capaz de usar o passado para atuar no presente e ainda prever o futuro.

A plataforma era de última geração, sistema moderno, e as máquinas trabalhavam de acordo com o propósito que foram construídas. Mas o homem...

Dizem que o homem é o produto do meio; no entanto, quem faz o meio é o próprio homem e, no caso em questão, o comandante da plataforma era o Dosvale, John MacMaster Dosvale — um gringo de jeitão autoritário, cabelos cor de ouro velho desbota-

do, e olhos tingidos no mais obsoleto sangue azul fora de moda.

Matos saltou do helicóptero, pegou seus pertences — uma mochila e um *hard case* com sua guitarra elétrica — e seguiu em direção ao escritório do comandante para cumprimentá-lo.

Percebendo que havia alguém sob o batente da porta olhando diretamente para ele, Dosvale fixou-se na tela do computador, franziu o cenho, contraiu as pálpebras e aproximou o rosto da tela lentamente, a língua estalando atrás dos dentes, a cabeça oscilando de um para outro lado, num tom tipicamente ameaçador que lhe era próprio.

Matos suspirou, desanimado, e olhou o corredor.

Dosvale orgulhava-se de ter nascido no playground da cultura, das artes, das ciências, da tecnologia, do pensamento moderno... O país onde fora criado ostentava nomes ilustres de grandes pensadores, respeitáveis humanistas, filósofos, cientistas, músicos, grandes artistas..., insignes mestres que em muito contribuíram no desenvolvimento intelecto-moral do planeta onde vivemos.

No entanto, ele mesmo, infelizmente, parecia não ter boca própria para sorrir. Engessado em sua forma arcaica de ver a vida, recusava-se a sair do claustro e ver a luz. Desequilibrado, abalado nos conflitos e sabotagens do ego, acreditava que não precisava fazer nada para se melhorar como ser humano...

— Meu país é o melhor! Eu tenho dinheiro! O que mais posso querer? — dizia ele.

Quatro olhares lhe eram próprios. Um era

nítido — o de reprovação; não ao que via no espelho, mas a tudo aquilo que não provinha diretamente de si e de seus bajuladores.

O Segundo era de ameaça:

— Eu sou o comandante! O comandante aqui, sou eu! — Dizia e repetia, como um papagaio inseguro nos ombros de um pirata pernetá.

O terceiro era embaçado, trêmulo, desfocado..., e surgia quando os efeitos de sua estupidez o pegavam de surpresa, desprevenido, antes da fuga.

O quarto? Ah, o quarto não dá nem para explicar; esse só aparecia quando alguém o fazia olhar o espelho.

— Eu nego! Eu nego! Eu sou superior! — dizia ele, com suas mentiras racionais.

Matos preferiu cumprimentá-lo em um outro momento e seguiu caminhando pelo corredor rumo ao seu camarote tentando não pensar no assunto. Ser *fiscal da consciência alheia* era um cargo que ele não queria ocupar.

*Cada um que cuide da sua própria consciência! Eu vou cuidar da minha!*



MATOS dormia como um meteoro no silêncio do espaço, a cabeça repousando sobre um travesseiro macio e

confortável, o coração pulsando em silêncio, a mente longe de um lugar comum.

Sua última noite de sono, além de curta, fora a última do seu período de folga, e isso significava para ele que, nos próximos 14 dias a bordo, suas noites seriam dias, e os dias lhe seriam as noites. Passaria as próximas duas semanas tirando serviço das 19h às 07h, aceso, sem pestanejar, de porta fechada para *Morpheus*. Portanto, precisava ajeitar logo suas coisas e tentar dormir um pouco, sabia.

Após silenciar seus pensamentos manipulando sua guitarra desplugada, relaxando e soltando todos os músculos do corpo, seu próximo passo para pegar no sono era canalizar sua atenção às molas do colchão que vibravam levemente em resposta aos tremores ocasionados pelas máquinas na estrutura da embarcação, imaginando seu corpo levitando sobre uma trama magnetizada de ondas de informações, livres no tempo e no espaço.

O quarto era completamente escuro. Ele mesmo se encarregara de vedar com fita adesiva qualquer passagem de luz que pudesse entrar pela vigia. Vedou tão bem que a pequenina luz vermelha da televisão transformou-se num farol tão potente que teve que ser desalimentada.

No entanto, apesar de um meteoro voar alto numa viagem espacial, leve e sem resistências, existe formas de fazê-lo cair e se chocar. Uma delas é quando a gravidade de algum planeta o chama e, no caso em questão, a gravidade atuou com vontade!

*Bam! - Bam! - Bam! - Bam! - ... - Baaaammmmm!*

O alarme dentro do seu camarote era alto, quase ensurdecedor. Matos ficou desorientado. Movimentou as mãos no ar algumas vezes tentando se defender dos açoites impiedosos que ele mesmo ainda não sabia o que era nem de onde vinham.

Quando adolescente, inventou uma brincadeira junto a seu primo chamada *Morpheus na cova dos leões*. A ideia era simples: ambos dormiriam no mesmo horário e quem tivesse a sorte de acordar primeiro acordaria o outro com travesseiradas na cara. O sonolento do primeiro dia sequer dormiu na noite seguinte para não correr o risco de perder o horário, e bastou ambos experimentarem a sensação pela primeira vez que a brincadeira foi imediatamente abolida.

Matos percebeu que não adiantava se defender, não era o travesseiro.

*O telefone!*

Depois de algumas tentativas frustradas procurando-o no ar, tateando nos lugares errados, ele finalmente encontrou o telefone, puxou, levou ao ouvido, disse “alô”, “alô”, mas ninguém respondeu; exceto o alarme que não parava de gritar.

Seus olhos já estavam abertos, mas ele não via nada, tentou abri-los ainda mais, ficaram esbugalhados, e não houve diferença, exceto na ardência que aumentou.

*O despertador!*

Matos respirou, tentando se orientar na escuridão que o envolvia, achou o despertador sobre a mesa ao lado da cama, bateu algumas vezes sobre ele tentando desligá-lo, mas também não funcionou... Cansado de apanhar, já estava pensando em bater.

*Incêndio!*

Finalmente Matos chegou à superfície do planeta terra. Percebeu que se tratava de um Alarme Geral composto por sete apitos curtos seguidos por um longo.

*Droga!*

Acendeu a luz procurando seus equipamentos de proteção individual, olhou sua guitarra, e parou — algo vibrou dentro dele.

E continuou vibrando...

Até que uma voz familiar ecoou em seus ouvidos, dizendo assim:

— Papai, por favor, não vai!

Era a voz do seu filho implorando no dia anterior para ele não ir, os olhos lavados em lágrimas.

— Filho... — Matos não sabia o que fazer diante do filho que tentava tirar a mala da sua mão, decidido a desfazê-la. — Acalme-se. O papai precisa ir trabalhar...

A criança soluçava, a garganta fechada lhe tirando o ar, os olhos trêmulos tentando explicar tudo aquilo que seus lábios não sabiam como dizer.

Matos o abraçou.

— Papai te ama muito, filho. Por que você está chorando tanto? — indagou o pai, que não sabia o que dizer. — Papai não vai te abandonar... Eu prometo! Eu vou ali rapidinho, e em breve já volto...

Em breve? Que significado teria essa palavra para uma criança vivendo livremente no tempo mental?

— Você sempre diz isso... — O menino enxugou os olhos. — Mas sempre demora!

— Mas o papai precisa ir....

— Por quê? — A criança queria entender.

— Papai precisa de dinheiro para pagar as contas!

Esse era o argumento mais que suficiente para convencê-lo..., mas não a criança.

— Você já tem o seu carro... Eu já tenho minha bicicleta... Não precisa, papai; por favor, não vai!

No entanto, Matos precisava ir...

E foi.

O que estaria aguardando por ele a bordo? Ele não queria nem imaginar.

## 4,

MATOS NUNCA TINHA IDO a um consultório de psicologia.

— Não preciso dessas coisas! Isso é tudo coisa de maluco! — dizia ele à esposa nas vezes em que ela tentava fazê-lo mudar de ideia.

Ignorância? Falta de informação? Neurorrigidez? Ele não sabia... Mas também não se importava.

Depois de ter sido expulso de um consultório de psiquiatria, três anos atrás, onde fora se tratar da ansiedade, Matos prometera a si mesmo que nunca mais ia voltar a um consultório desses.

— Expulso? Você foi expulso?

— Pois é...

— Como? Por quê? — perguntava a esposa, os olhos contraídos e ao mesmo tempo arregalados, sem



saber, ao certo, se ria ou se chorava. — O que você fez?

— Eu não fiz nada! — exclamou ele, convicto.

— Ela que é a louca!

— Ela? A Elisa?

— Não é Elisa, é Mona Lisa!

— Tá, mas o que ela fez?

— O que ela fez? Subitamente desfez aquele sorrisinho escondido no canto da boca, levantou-se com uma cara enfezada, desfigurada, abriu a porta e sinalizou para eu sair.

— Assim?

— Assim, desse jeito. Pode acreditar.

— Eh..., mas..., não é possível que você...

— Pelo menos não tentou me enforcar — disse ele, preocupado com sua reputação. — Imagina, ser enforcado por uma psiquiatra dentro de um consultório de psiquiatria... Como é que eu ia conseguir me livrar de trauma desse? E olha que eu sempre paguei as consultas em dia, nunca dei calote...

— O que você fez? — ela disse, séria, cortando o gracejo.

— Eu não fiz nada!

— Nada?

— Nada.

— Nadinha?

— Eh... — Matos olhou para o chão.

— Hmm... Continua.

— Eu sempre fiz perguntas sobre os remédios que me receitava. Queria entender onde e como atuava; se ia às causas, se só ficava nos efeitos, se poderia gerar outros efeitos, quais? Ela nunca me respondia e ficava atrás da mesa igual um robô programado me olhando. Acho que ela queria que eu também fosse

um. Aí eu pesquisei, mas acho que ela não gostou. E foi aí que ela desfez aquele sorrisinho e me xotou de lá...

— Ai, meu Deus... — Ela estava com a mão na testa. — E você saiu sem pagar?

— Hum! Depois que a porta se fechou na minha cara, não demorou um segundo para abrir e ela me estender a mão..., pedindo o cheque!

— E você...?

— É claro que eu entreguei. Eu não estava entendendo nada! Achei que fizesse parte de algum tratamento *anti-stress*...

— Mas isso foi uma exceção. Procure outro médico...

— Não quero mais saber dessas coisas.

— Então... — ela disse, erguendo as sobrancelhas, mostrando os olhos. — Que tal procurar ajuda de alguma psicóloga?

— Jamais! E não se fala mais nisso!



No entanto, três anos depois, lá estava Matos, à porta de um consultório de psicologia apertando a campainha.

A maçaneta da porta girou, uma fenda retangular abriu-se na sua frente e dois olhos fartos e irradiantes de um azul índigo hipnótico lhe analisaram por frações de segundo, mas o suficiente para tocá-lo.

Matos paralisou, os olhos colados nos dela, a mente vazia de qualquer pensamento. Sentia como se uma amostra da sua alma estivesse sendo coletada para uma análise instantânea.

— Por favor, entre — ela disse, com um leve sorriso florescendo nos lábios.

Matos relaxou sentindo-se envolvido por um ar magnetizado que lhe penetrou de forma suave e anestésica. A psicóloga desviou o olhar de modo discreto e natural cedendo-lhe espaço. Matos entrou.

Era um consultório simples, mas aconchegante e de muito bom gosto. A mobília nova, as paredes bem pintadas com dois belos quadros acima do sofá — uma ponte saindo de um píer rumo ao céu sobre o mar e uma face humana de perfil enfrentando uma tempestade de areia —, perfumado por um ramalhete de flores em um jarro sobre a mesa. Havia também uma fonte de pedra bruta circulando água sobre uma mesinha ao lado do sofá.

— Por favor, sente-se — ela disse, indicando a poltrona à frente de sua mesa.

Matos passou pela fonte e sentiu-se atraído. Observou a manta cristalina deslizando sobre as pedras de um jeito macio, tamborilando com suavidade, emitindo um brilho que parecia pulsar vida.

Ele não sabia exatamente o que era, mas havia algo na fonte que mexera com ele.

Todos dos dias pela manhã, após uma breve oração de agradecimento pela vida que fazia antes de iniciar os atendimentos, ela abastecia a fonte com a água da jarra que bebia, estendia as mãos sobre a fonte e se concentrava. Em poucos instantes, a lâmina d'água que escorria sobre as pedras adquiriam um brilho próprio que nem todos os olhos podiam notar, mas emitia uma energia peculiar que Matos, nesse dia, pôde sentir.

Matos sentou-se à mesa e olhou para o alto, as mãos entrelaçadas, os cotovelos apoiados nos suportes da poltrona. *O que estou fazendo aqui?*, pensou; questionando-se, em verdade, se deveria ou não estar ali.

— A Senhora...

— Pode me chamar de Amanda — ela disse, os lábios indecisos entre meio ou um sorriso completo, enquanto escrevia algo no fichário.

— Ah..., claro — respondeu ele, sem entender o que o levava a chamar uma pessoa mais jovem que ele de Senhora, se ele mesmo ainda se achava jovem.

Mas a verdade é que Matos temia ter que se abrir contando detalhes de seu mundo íntimo que não contava nem à esposa que tinha em casa, e por isso já sinalizava que ia manter distância.

Mas Amanda era fascinante... A pele facial lisa e alva como porcelana, os cabelos escuros emoldurando a face angelical com dois lindos olhos azuis de cor expressiva, brilhando como se estivessem acesos, irradiando uma luz que emanava da alma...

Matos não cansava de olhar...

Sempre graciosa, seus movimentos eram suaves e precisos. Não desperdiçava energia em solavancos ou idas e vindas desnecessárias. Sua mente parecia atuar fora do corpo dominando-o com total destreza e serenidade. A voz sempre macia e sedosa com um toque harmônico que lhe era própria.

*Essa caneta é linda!*, ele pensou, vendo-a escrevendo de forma fluídica e contínua, sem forçar a caneta ou pesar a mão sobre a folha.

Amanda interrompeu a escrita e olhou para ele, mas ele estava calado. Ela então olhou sua caneta, e voltou a escrever.

*Tratar ansiedade...*, ele pensou, já achando que isso não ia dar certo. *Aqui, com... Amanda?!*

— E como vão as coisas no trabalho?

— No trabalho? — Matos desviou os olhos, dando-se conta de que em uma semana estaria sob o comando de Dosvale.

E uma semana depois...

(...)

[www.ambraga.com](http://www.ambraga.com)